



Carta do Ministro Geral

**John Corriveau OFM Cap**

**A ORAÇÃO LITÚRGICA**

*CARTA CIRCULAR 19*

6 de janeiro 2002

© Copyright by:  
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini  
Via Piemonte, 70  
00187 Roma  
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710  
fax. +39 06 48 28 267  
[www.ofmcap.org](http://www.ofmcap.org)

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap  
[info@ofmcap.org](mailto:info@ofmcap.org)  
Roma, A.D. 2016

## Sommario

“É bom ficarmos aqui!” .....	5
“Amarás o Senhor, teu Deus”, .....	7
“...Pois (Deus) vos mandou pelo mundo inteiro, para dardes testemunho... ..	9
“Se eu conseguir tocar na roupa dele, ficarei curada” .....	13
A liturgia deve modelar a vida total da Fraternidade .....	16
“Deus... vivifica os mortos .....	18
CONCLUSÃO .....	20



## **CARTA CIRCULAR 19 A ORAÇÃO LITÚRGICA**

**“É bom ficarmos aqui!”**

(Mc 9,5)

Prot. 00001/02

### **AOS IRMÃOS E ÀS IRMÃS DA ORDEM**

*Estimados irmãos e irmãs,*

1.1. Gostaria de iniciar esta carta externando-lhes o meu agradecimento pelas respostas referentes à carta anterior sobre a Oração. Isto me convence sempre mais de que “o espírito da santa oração e devoção” realmente é operante onde vocês vivem, como estava evidente nos comentários e nas respostas sinceras.

1.2. Veio-me em mente alguém que me chamou a atenção sobre um artigo referente à religião num jornal da ex-União Soviética. O artigo escrito nos anos 60 tratava da história de uma jovem russa que havia participado da liturgia do Sábado Santo. Após a celebração litúrgica ela se aproximou do padre ortodoxo e lhe pediu para ser batizada. O sacerdote se deu conta que a mulher ignorava a maior parte do Credo e que somente acreditava em Deus. Maravilhado, lhe perguntou se queria fazer parte da Igreja. Ela lhe respondeu: “Desejo *aquilo*”, indicando a cerimônia litúrgica na qual apenas havia acabado de participar. Aquela mulher havia experimentado a força de Cristo ressuscitado na comunidade cristã em oração. O mistério pascoal lhe atingiu.

1.3. Convido-os a unirem-se a mim na meditação sobre a liturgia em nossa vida, enquanto rezo ao Senhor que torne as nossas liturgias um genuíno testemunho

da sua benevolência e do seu amor, “para que todos vejam e sintam em nosso rosto e na vida de nossas fraternidades a bondade e a benignidade de Deus presente no mundo” (Const 45,8).

**“Amarás o Senhor, teu Deus”,  
de todo o teu coração e com toda a tua alma,  
com toda a tua força e com todo o teu entendimento;  
e teu próximo como a ti mesmo”**

*(Lc 10,27)*

2.1. Este é o grande mandamento, o compêndio do ensinamento do Senhor. Está presente em todos os três Evangelhos sinóticos (cf. Mt 22, 34-40; Mc 12, 28-34; Lc 10, 25-28), mas é em Lucas que Jesus nos dá um extenso comentário (cf. Lc 10, 25-41). A esplêndida parábola do bom samaritano explica a segunda parte do mandamento: “(amarás) o teu próximo como a ti mesmo”. Impressiona-nos o uso constante de termos de ação: “chegou perto dele, viu e moveu-se de compaixão... tratou-lhe as feridas... derramando nelas óleo e vinho... colocou-o sobre o seu próprio animal... e o levou a uma pensão... onde cuidou dele... pegou dois denários” (Lc 10, 33-35). O amor ao próximo é mais que um sentimento, que uma emoção: é um compromisso de fazer, interagir, com amor, concretamente e decididamente.

2.2. Em sua visita a Marta e Maria, Jesus fez entender como o viver a primeira parte do mandamento (amarás o Senhor teu Deus) implica necessariamente o compromisso concreto do coração, da mente e da vida: “Maria... sentou-se aos pés do Senhor e escutava a sua palavra” (Lc 10, 39). Jesus conclui: “Maria escolheu a melhor parte” (Lc 10, 42). É necessário que o nosso amor para com o Senhor seja mais do que uma simples convicção teológica. Como o amor de Deus para conosco se encarnou tangivelmente em Jesus – que viveu, morreu e ressuscitou para nós – assim a nossa resposta de amor, o nosso compromisso em segui-lo como discípulos deve ser concretamente vivido em nossa vida quotidiana. Francisco o compreendeu intuitivamente. O seu compromisso de fé em acolher o grande mandamento de amar a Deus com todo o coração, alma, força e mente, manifestou-o publicamente quando declarou: “Agora poderei dizer livremente: ‘Pai nosso, que estais nos céus’, e não meu pai Pedro Bernardone” (2Cel 7,12). Com esta declaração Francisco abraçou o seguimento de Jesus e se comprometeu em viver na sua vida a idêntica relação que Jesus viveu com o Pai. Francisco “sentou-se aos pés do Senhor e escutava a sua palavra”.

2.3. Acompanhando de perto a parábola do bom samaritano é impossível não ficarmos surpresos com a resposta de Jesus a Marta. Depois de tudo, o pedido de Marta era que a hospitalidade da irmã Maria fosse expressa pelo mesmo amor “eficaz” que caracterizava o bom samaritano. “Marta, Marta, tu te preocupas e andas agitada com muitas coisas... Maria escolheu a melhor parte” (Lc 10, 41-42). Se a nossa vida não é fundada no seguimento de Jesus e não é caracterizada pela contemplação, os nossos atos de amor para com os outros podem ser situados numa resposta humanista, civil, mas enfraquecidos da sua força profética, capaz de revelar a mão de Deus. Por isso, contemplação e serviço são intimamente conexos em nossas Constituições:

“...demos aos homens de hoje um testemunho de oração autêntica, para que todos vejam e sintam em nosso rosto e na vida de nossas fraternidades a bondade e a benignidade de Deus presente no mundo” (45, 8).

As Constituições têm um concreto objetivo. Notando o fato que “a sagrada liturgia ... é... o ponto alto de toda a ação da Igreja e a fonte da vida cristã” (47, 1), imediatamente depois continuam afirmando:

“Por isso, demos a maior importância ao mistério da Eucaristia e ao Ofício Divino que, para São Francisco, deviam dar a forma a toda a fraternidade” (47, 2).

**“...Pois (Deus) vos mandou pelo mundo inteiro, para dardes testemunho...  
que ninguém é todo-poderoso senão Ele”**

(Carta a toda Ordem, 9)

3.1. O capítulo sétimo do livro do profeta Miquéias foi escrito no período do pós-exílio da história de Israel, num tempo confuso e turbulento, no qual, por detrás da inspiração dos seus profetas pregadores, o povo hebreu procurava restaurar sua nação. Dividido em três partes distintas, este capítulo reflete a tentativa de chamar à conversão uma comunidade que estava surda à palavra de Deus.

3.2 O capítulo inicia com uma dramática análise da vida social e religiosa dos hebreus que habitavam em Israel totalmente devastado:

“Acabaram do país as pessoas de bem...estão todos de tocaia para matar; cada qual com sua armadilha para caçar o irmão...o juiz vai pela propina, o grande manifesta o seu preço...o filho insulta o pai, a filha se ergue contra a mãe” (Mq 7, 2.3.6).

O profeta reza para que o juízo de Deus possa operar a conversão do seu próprio coração e, numa visão de fé, imagina uma nova realidade política e religiosa do seu povo:

“Com tua vara de pastor, guia o teu povo, rebanho que é propriedade...Que eles possam pastar em Basã e Galaad como nos tempos antigos. Como no dia em que nos tiraste do Egito, mostra-nos agora tuas maravilhas” (Mq 7,14.15).

O profeta termina com um hino de louvor:

“Haverá algum Deus igual a ti, Deus que tira o pecado...não guarda sua ira para sempre e prefere a misericórdia?...Darás fidelidade a Jacó, misericórdia a Abraão, conforme juraste a nossos pais deste os tempos passados” (Mq 7,18.20).

3.3. “Esta espécie (de demônios) só pode ser expulsa pela oração” (Mc 9,29). A oração contemplativa dos frades formará uma visão de fé na fraternidade: no capítulo local “estimula-se a criatividade de todos e os dons de cada um sejam para todos” (Const. 142,2). Quando vivido em dimensão contemplativa, o capítulo local encontra na fraternidade os dons e a criatividade necessária para se abrir uma passagem na indiferença do nosso tempo. Mas se exige algo a mais.

Frente à tarefa extremamente difícil de criar a unidade num povo desanimado e dividido, o profeta pregador Miquéias convoca e reúne o povo para louvar a fidelidade de Deus na sua história. Miquéias sabia **o quê** os hebreus deviam fazer, mas não via, humanamente falando, **como** eles pudessem levar adiante o seu compromisso; então os exorta a unirem-se no louvor comum a Deus, que **dirige os acontecimentos** da sua história! A nossa oração da Liturgia das Horas, feita regularmente e recitada juntos, não deveria realizar a mesma finalidade para nós? O salmo 150 põe claramente em evidência a conexão que existe entre o que Deus faz e a nossa resposta de louvor. Dez vezes o salmista proclama e convida: “*Louvai a Deus*” ou “*Louvai-O!*”, paralelamente poder-se-ia dizer – as dez vezes do Gênesis em que os atos criativos de Deus são precedidos pela expressão: “*e Deus disse ...*”.

3.4. Francisco, as nossas Constituições e, num âmbito ainda mais vasto, os ensinamentos da Igreja ressoam esta inspiração de Miquéias. Por exemplo, quando Francisco estava doente e quase cego compôs o maravilhoso *Cântico das criaturas*. Quando as relações interpessoais em Assis eram tensas devido ao antagonismo entre o prefeito e o bispo, Francisco acrescentou a estrofe em louvor àqueles que perdoam. Quando se aproximava a morte, Francisco acrescentou ainda o louvor à Irmã Morte. E no final da *Primeira Regra*, Francisco elevou a mente e o coração dos seus frades num magnífico hino de louvor à Santíssima Trindade (cf. Rnb 23). A mesma realidade é expressa em nossas Constituições, que se concluem num grandioso hino cristológico de louvor (cf. 186,5-6). Após nos ter exposto um programa de vida evangélica, tanto Francisco quanto as Constituições – conforme a imitação do profeta Miquéias – elevando a mente e o coração dos frades num comum louvor a Deus uno e trino, que faz as coisas acontecerem, a Liturgia das Horas realiza para nós quotidianamente o mesmo papel: “Na Liturgia das Horas conversamos com Deus usando suas próprias palavras, tiradas das Sagradas Escrituras e o próprio Deus vem a nós com a sua palavra e fala conosco” (51,1). É por esta razão que as Constituições especificam: “Toda a fraternidade, em nome de Cristo, reúna-se todos os dias para celebrar em comum a Liturgia das Horas. Onde não a puderem fazer por inteiro, celebrem em comum pelo menos as Laudes e as Vésperas” (50,2). Tenho a satisfação de lhes dizer que as fraternidades da Ordem são fiéis à Liturgia das Horas. Além disso, muitas assumiram com carinho a recomendação das Constituições “e de acordo com as circunstâncias dos lugares, celebrem a Liturgia das Horas em comum com os fiéis” (50,3).

3.5. O definitório geral recentemente se encontrou com os ministros e representantes da Conferência Capuchinha dos Andes (CCA) em Lima, no Peru. Durante estes dias um grupo de frades jovens e de postulantes ofereceu generosamente o seu serviço. Passando pela cozinha após o almoço, observei dois daqueles frades lavando os pratos com os postulantes e juntos recitavam o rosário. O exemplo daqueles irmãos me fez recordar uma outra exortação das Constituições: “Aconselha-se...que os frades façam o mesmo (ou seja, recitem juntos a Liturgia das Horas) onde quer que estejam ou se encontrem” (50,3). Se nós seguirmos as recomendações das Constituições, a nossa fé e a nossa esperança não terão mais vigor?

3.6. Alegro-me em comunicar-lhes que também outra diretiva das Constituições 51, 2-3 está sendo sempre mais acolhida na Ordem, ou seja, “A Liturgia das Horas seja viva e ativa, preferivelmente com intervalos de silêncio,... À imitação de São Francisco, que gostava de exprimir sua afetividade cantando, faça-se o possível para celebrar os atos litúrgicos com canto, pelo menos nos dias festivos”. Tive a experiência de muitos momentos criativos de oração, nos quais a Liturgia das Horas é celebrada de modo verdadeiramente *vivo* e *criativo*. Algumas pequenas fraternidades, que não dispõem de frades com dom musical, enriquecem a celebração litúrgica escutando e meditando hinos e músicas gravadas. É importante ressaltar que a fidelidade meramente mecânica e habitual à Liturgia das Horas não é suficiente. Mais importante e aliás, indispensável são a fé e o amor que levamos à oração. Na medida que Francisco crescia na vida espiritual, crescia também a sua estima pela liturgia, como é claramente evidenciado na sua Carta a toda a Ordem. Ela foi escrita no fim de sua vida e nos dá a possibilidade de penetrar na alma do santo. Ele candidamente confessa os seus pecados quanto à Liturgia das Horas, cometidos “seja por negligência, seja por causa de minha enfermidade ou porque sou um homem ignorante e pouco ilustrado” (Carta a toda Ordem, 39). O conselho que nos dá quanto à Liturgia das Horas é breve mas eficaz. *A pureza do coração* é a chave para a recitação conveniente e frutuosa da liturgia (Carta a toda Ordem, 42), de modo que “a voz seja concordante com o espírito e o espírito se harmonize com Deus” (Carta a toda Ordem, 41). As Constituições prescrevem períodos de reflexão em silêncio e expressão musical de modo que “a palavra de Deus penetre mais profundamente em nossos corações e informe mais eficazmente toda nossa vida” (51,2). Os frades que põem à disposição o dom

musical e litúrgico para enriquecer a vida de oração das fraternidades dão uma contribuição inestimável à vida de nossa Ordem.

**“Se eu conseguir tocar na roupa dele, ficarei curada”**

(Mc 5,28)

4.1 Através do olhar contemplativo de Jesus a palavra de Deus penetrava no coração dos homens. A humanidade sofredora encontrou em Jesus o poder de Deus que cura. As pessoas eram curadas e reconciliadas com Deus simplesmente tocando ou sendo tocadas por Jesus:

“Estava aí uma mulher que havia doze anos sofria de hemorragia...ela dizia ‘Se eu conseguir tocar na roupa dele, ficarei curada’ (Mc 5, 25.28).

A humanidade deseja tocar o corpo vivo de Cristo e naquele encontro é curada. Observemos os milhões de peregrinos que se aproximam do túmulo de fr. Pio de Pietrelcina e da nossa fraternidade em San Giovanni Rotondo. Tocando e sendo tocada pela nossa fraternidade, a humanidade busca experimentar a cura. O papa João Paulo II deu expressão a este desejo quando descreveu a nossa Fraternidade capuchinha como “um ponto de referência cordial e acessível para os pobres e para quantos estão sinceramente buscando Deus” (cf. *AFM Cap* 112 [1996] 566, n.3). As nossas Constituições nos recordam que a Eucaristia tem o poder de transformar cada uma das nossas fraternidades numa presença que cura. Mais recentemente o papa tocou uma corda que ressoa no coração dos seguidores de Francisco e Clara. Escrevendo sobre os benefícios que o Jubileu do Ano 2000 pode conceder, ele nota:

“Se quiséssemos circunscrever o núcleo essencial do grande legado (a experiência jubilar) que ela nos deixa, não hesitaria em vê-lo na *contemplação do rosto de Cristo*: considerando-O nos seus traços históricos e no seu mistério, acolhendo-O com a sua multiforme presença na Igreja e no mundo, confessando-O como sentido da história e luz do nosso caminho (*Novo Millennio Ineunte*, 15).

Se nos dedicarmos quotidianamente a esta prática, seremos capazes de penetrar mais profundamente na celebração da liturgia e, ao mesmo tempo, aprenderemos a ver os outros com a mente e o coração de Cristo.

4.2. “Na participação do pão eucarístico, nós somos levados à comunhão com Cristo” (Const 48,2). No partir o pão, Jesus ressuscitado reportou os dois discípulos de Emaús ao seu compromisso de discipulado, transformado pela

Cruz. Por meio de uma quase nova transfiguração eles viram a glória de Deus resplandecente no rosto de Cristo, no partir o pão. A Eucaristia abriu-lhes os olhos, estabelecendo-lhes na unidade com a comunidade da Igreja e os fez retornar a Jerusalém para comprometerem-se na obra de dar sentido a um mundo desintegrado. (cf. Lc 24, 30-35). A Eucaristia transformou os discípulos desanimados e divididos numa **comunidade de esperança**, fonte de unidade e de salvação para muitos. Na Eucaristia Jesus nos nutre e restabelece a nossa esperança quando, como os discípulos, também nós pescamos toda a noite sem resultados, num mundo desprovido da palavra de Deus. Como às margens do lado de Tiberíades, Jesus nos convida a tentar novamente a lançar as redes na outra margem (cf. Jo 21, 3-6). Como os discípulos, também nós somos transformados: da desunião e da derrota passamos à esperança e à salvação por meio da Eucaristia.

4.3. No sacrifício eucarístico nós “celebramos o mistério pascal de Jesus Cristo até que Ele venha” (Const 48,1). Jesus tomou o pão e disse: “Isto é o meu corpo entregue por vós...”; tomou também o cálice e disse: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue” (1Cor 11, 24-25). Não nos esqueçamos que oferecendo o sacrifício eucarístico somos envolvidos na mais poderosa oração de intercessão. A oração eucarística na sua totalidade é dirigida ao Pai. Efetivamente dizemos: “Pai, nós vemos o que está em nossas mãos, mãos de pobres. É o amor oblato de teu amado Filho, o seu corpo e o seu sangue derramado por nós, o preço que ele pagou para partilhar plenamente conosco o nosso ser humano”. Sob as aparências do pão e do vinho temos em nossas mãos a morte oblato de Jesus. O Pai recebeu este “sacrifício agradável”. Assim a Eucaristia torna presente e eficaz entre nós Jesus, morto e ressuscitado para a nossa salvação. No acontecimento eucarístico o poder da Cruz é vivificante em nosso meio para curar nossas divisões e tornar-nos embaixadores da sua reconciliação. (cf. Ef 2,14; 2Cor 5,18.20). Uma fraternidade formada pela Eucaristia torna-se o corpo de Cristo que irradia o mesmo poder curador que respondeu ao fervoroso desejo da mulher “Se eu conseguir tocar na roupa dele, ficarei curada” (Mc 5, 28).

4.4. “Eis que Ele se humilha todos os dias, tal como na hora em que, descendo do seu trono real para o seio da Virgem; vem diariamente a nós sob aparência humilde; todos os dias desce do seio do Pai sobre o altar, pelas mãos do sacerdote” (Admoestações 1,16).

Na Última Ceia Jesus deu o supremo exemplo de como a vida na Igreja deve ser um total serviço de mútua doação. Na celebração eucarística Jesus deixa cada dia a mesa para lavar os pés dos seus discípulos (cf. Jo 13,1-4). Por isto as Constituições, citando São Francisco (cf. Carta a toda a Ordem 29), nos exortam “sem reter nada de nós mesmos, para que nos receba totalmente Aquele que a nós se deu por inteiro” (Const 48,1). A celebração eucarística é o centro vital de uma fraternidade de frades menores que desejam tornar Jesus presente e ativo em um mundo que desesperadamente tem necessidade do seu poder salvífico.

## A liturgia deve modelar a vida total da Fraternidade

5.1. “A sagrada liturgia...é...o ponto alto de toda a ação da Igreja e a fonte da vida cristã” (Const 47,1). Por isso São Francisco quer que o mistério da Eucaristia e a Liturgia das Horas “dêem forma a toda a fraternidade” (Const. 47,2) e as nossas Constituições ordenam “celebre-se em nossas fraternidades todos os dias uma missa comum” (Const. 48,2).

5.2. Há muito por fazer para renovar a vida eucarística em nossas províncias e fraternidades. Falando-nos em seu *Testamento*, São Francisco insistia: “Quero que estes santíssimos mistérios sejam honrados e venerados acima de tudo em lugares preciosos” (Test 3,11). Os nossos lugares de culto e o sacrário onde se conserva a Eucaristia são bonitos e dignos. Hoje São Francisco veria, no entanto, uma maior necessidade em insistir sobre a melhor preparação das celebrações eucarísticas em nossas fraternidades e em nossas igrejas. A proclamação da Palavra de Deus e as homilias, o respeito por uma justa distinção dos papéis litúrgicos e de suas aplicações, a atenta escolha da música, o uso de vestes apropriadas pelos celebrantes e concelebrantes, tudo isto fala da nossa reverência para com os “santíssimos mistérios”. Referindo-se às celebrações nos ambientes paroquiais, a Conferência nacional dos bispos católicos dos Estados Unidos afirmou “Celebrações bem feitas promovem e alimentam a fé; celebrações inadequadas podem enfraquecê-la e destruí-la” (cf. *Music in Catholic Worship*, 6). Este princípio pode ser aplicado igualmente às nossas fraternidades. A seriedade da nossa fé na Eucaristia deveria ter sua correspondência no modo sério como é preparada cada celebração.

5.3. As nossas Constituições prescrevem “celebre-se em nossas fraternidades todos os dias uma **missa comum**” (Const 48,2). “Onde não for possível todos os dias, celebre-se ao menos periodicamente e **com a participação de todos os frades**” (Const. 48,2). O trabalho, o estudo e os deveres de ministério muitas vezes prejudicam a prioridade e a centralidade da Eucaristia em nossas fraternidades locais. Em muitas províncias da Ordem, existem algumas fraternidades nas quais os frades raramente se reúnem ao mesmo tempo em torno ao mesmo altar para celebrar a Eucaristia. Devemos nos perguntar: “É possível ainda falar de fraternidade capuchinha onde os frades raramente ou quase nunca se reúnem para celebrar **juntos** a Eucaristia?” A Eucaristia deve ser

mais que uma expressão do nosso zelo pastoral e ministerial para com os outros. Ela é o centro vital das nossas fraternidades. O primado da Eucaristia para a vida capuchinha requer “ao menos periodicamente” seja celebrada a missa comunitária com a participação de “todos os frades”. As Constituições nos convidam a reexaminar os nossos compromissos pastorais. Por exemplo, em nossas igrejas e paróquias onde se celebram várias missas todos os dias, não se poderia escolher um dia da semana (evidentemente não no domingo!), no qual se celebrasse somente uma eucaristia, com todos – todos os frades e os fiéis – reunidos junto à Mesa do Senhor? Em nossas fraternidades, nas quais os sacerdotes celebram em diferentes capelas cada manhã, não se poderia escolher um dia da semana, no qual as pessoas das diferentes capelas pudessem vir à nossa igreja ou buscar um sacerdote que os substitua ou então celebrar uma liturgia da palavra e da comunhão? Deste modo, os capuchinhos como as comunidades religiosas por eles servidas poderiam reunir-se à Mesa do Senhor.

5.4. Na Eucaristia a Igreja primitiva fez a experiência do Espírito Santo. Os dons de todos contribuía para levar a Palavra de Deus em todos os seus ambientes:

“Na Igreja que estava em Antioquia havia profetas e mestres: Barnabé, Simeão chamado o Negro, Lúcio de Cirene, Manaém...e Saulo. Certo dia, enquanto celebravam a liturgia em honra do Senhor e jejuavam, o Espírito Santo disse: ‘Separai para mim Barnabé e Saulo, a fim de realizarem a obra para a qual eu os chamei’. Jejuaram então e oraram, impuseram as mãos sobre Barnabé e Saulo e os deixaram partir” (At 13,1-3).

O Espírito Santo dotou a nossa Fraternidade de dons necessários para que pudéssemos ajudar o nosso mundo a ouvir a palavra da salvação. As nossas fraternidades locais têm o seu Barnabé, Lúcio, Manaen e Saulo, cada um dotado com os dons do Espírito. Na Eucaristia o mesmo Senhor ressuscitado abre os nossos corações para oferecer estes dons a serviço da Igreja e do mundo.

**“Deus... vivifica os mortos  
e chama à existência o que antes não existia”**

(Rm 4,17)

6.1. Paulo exalta o poder da fé em Deus que “chama à existência o que antes não existia”. Por meio da fé de Abraão Deus “chama à existência” a nação de Israel, e por meio da fé de Paulo, a igreja de Roma. Do mesmo modo, por meio da fé de Francisco, Deus chama à existência uma nova forma de vida evangélica (Test 14-15). Se realmente estamos convencidos de que o nosso mundo pode experimentar a comunhão somente por meio do poder de “Deus (que) vivifica os mortos e chama à existência o que antes não existia”, somente assim descobriremos verdadeiramente a importância crucial da oração em nossas fraternidades locais. A oração faz efetivamente tornar o trabalho que desenvolvemos no mundo uma expressão da nossa fé. Por esta razão, com grande zelo e com clara consciência devemos criar um ambiente de oração em cada fraternidade.

6.2. Num artigo intitulado “A praxe eucarística em perspectiva ecológica: Modelos de oração para os Capuchinhos”, o nosso confrade fr. Eduardo Foley aplica a inter-relação que existe entre os ecossistemas do nosso mundo no âmbito da vida de oração dos frades. Afirma que segundo as nossas Constituições três são os componentes fundamentais do autêntico ecossistema capuchinho: a Eucaristia, a Liturgia das Horas e a contemplação”. A seguir continua dizendo:

“Não se pode modificar ou eliminar algum elemento litúrgico no ecossistema da liturgia de uma comunidade sem influir sobre os outros elementos litúrgicos presentes na mesma comunidade... Todos os elementos da vida de oração de uma comunidade são inter-relacionados e devem ser respeitados como tais” (*Italia Francescana*, LXXVI, 2, maio-agosto 2001, p.74).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O artigo “Eucharistic Praxi in Ecological Perspective: Prayer Patterns for Capuchins” de fr. Eduardo Foley, OFMCap. (v. *Rewiew for Religious* 60.4, p. 342-364) considera o papel da Eucaristia na longa vida da Igreja e no contexto das outras celebrações litúrgicas na fraternidade local. Fr. Eduardo usa uma metáfora ecológica para estudar a nossa praxe litúrgica e propõe uma “ecologia capuchinha da liturgia”. Trata-se de uma abordagem que estimula o pensamento e a reflexão e sobre o qual as nossas comissões litúrgicas, em todos os níveis, poderia continuar estudando com bons resultados. O artigo foi publicado em italiano em *Italia Francescana* (LXXVI, 2, maio-agosto 2001, p. 67-96) intitulado: “A praxe eucarística em perspectiva ecológica: Modelos de oração para

6.3. O compromisso das nossas fraternidades locais para a evangelização do nosso mundo é incompleto e não centrado se não realiza uma séria reflexão sobre nossa fidelidade à oração e sobre a qualidade da sua expressão litúrgica. O barômetro infalível da seriedade e concretização da nossa fé é a fidelidade a uma oração de qualidade.

## CONCLUSÃO

7.1. Com a nova edição do Missal Romano, que está para ser publicada em todo o mundo nas línguas vernáculas, acompanhada por uma Instrução geral revista (já publicada em latim), estamos no momento justo para fazer um completo reexame do modo como celebramos as liturgias em nossas fraternidades. Certa vez um frade me falou sobre uma visita feita em Taizé por um grupo de estudantes de liturgia. Um monge da comunidade de Taizé dirigiu-se a eles para um diálogo amistoso. Um dos estudantes perguntou ao monge como aquela comunidade conseguia tornar a liturgia tão significativa, especialmente para os jovens, mas também para muitas outras pessoas. O monge respondeu que eles não tentavam ser “significativos”. Eles concentravam todas as suas energias na celebração do culto divino e isto - com a própria eficácia - criava uma poderosa atração para todos aqueles que participavam da oração. Nutro a esperança de podermos aprender de Francisco e Clara a maneira apta da celebração da liturgia em nossas fraternidades, de modo que nossas liturgias possam nos levar, como também outras pessoas, sempre mais próximos ao Senhor para receber dele a força que salva!

7.2. A rede (cf. Jo 21,6-14) é uma imagem da Igreja que fala à nossa Fraternidade: “Então, Simão Pedro subiu e arrastou a rede para a terra. Estava cheia de cento e cinqüenta e três grandes peixes, a rede não se rasgou” (Jo 21,11). Os cento e cinqüenta e três peixes representam uma imagem da humanidade e a universalidade do dom da salvação que nos vem de Cristo. A implantação de nossa Ordem em 95 nações, em meio a centenas de povos diferentes, indica que o Espírito Santo nos confiou uma responsabilidade especial nesta missão. A grande rede que nos mantém unidos é formada pelos laços da fraternidade evangélica que delineiam a nossa específica encarnação da comunhão da Igreja. Esta é a fábrica da “rede” capuchinha:

“Uma fraternidade de frades menores, servos do mundo; uma fraternidade contemplativa; uma fraternidade pobre e austera; uma fraternidade inserida entre os pobres; uma fraternidade dedicada à justiça, à paz e ao respeito pela natureza; uma fraternidade cheia de calor humano” (*Carta circular* 11 § 1.3).

A renovação do espírito de oração pessoal e litúrgica em nossa Ordem possa tornar operantes os nossos múltiplos dons para levar a palavra de salvação a um mundo que tem sede de Deus.

Fraternalmente,

Roma, 6 de janeiro 2002  
Solenidade da Epifania do Senhor

fr. **John Corriveau**, OFMCap.  
Ministro geral

## Sommario

“Amarás o Senhor, teu Deus”,.....	7
“...Pois (Deus) vos mandou pelo mundo inteiro, para dardes testemunho... ..	9
“Se eu conseguir tocar na roupa dele, ficarei curada” (Mc 5,28) .....	13
A liturgia deve modelar a vida total da Fraternidade .....	16
“Deus... vivifica os mortos .....	18
CONCLUSÃO .....	20



[www.ofmcap.org](http://www.ofmcap.org)